



**O CORPO PRETO VIOLENTADO: NA ARTE E NA MÍDIA
THE VIOLATED BLACK BODY: IN ART AND THE MEDIA**

Dalva França de Assis¹
Univerdidade do Estado de Santa Catarina UDESC
Indique com sim ou não
Associado/a/e ANPAP: Não.

Mariurka Matureel Ruiz²
Universidade do Estado de Santa Catarina
Indique com sim ou não
Associado/a/e ANPAP: Não.

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre a marginalização social e simbólica da população negra por meio da representação de seus corpos na arte e na mídia. A análise parte da pintura *Um milagre de São Cosme e Damião* (c. 1439), de Fra Angelico, que retrata a substituição da perna de um homem branco pela de um homem negro, evidenciando hierarquias raciais e relações coloniais enraizadas nas imagens da história da arte europeia. A partir da noção de anacronismo de Georges Didi-Huberman e do pensamento de Achille Mbembe e Juliana Borges, o texto articula essa imagem histórica a casos contemporâneos de violência racial no Brasil, amplamente veiculados pela mídia. O trabalho insere-se em uma pesquisa em andamento que propõe, por meio da produção pictórica de uma das autoras, uma resposta visual e política a essas narrativas. Ao tensionar os limites entre arte, memória e denúncia, o artigo reivindica a urgência de produções intelectuais negras como forma de resistência aos legados do racismo estrutural. Isso faz com que a proposta dialogue diretamente com a proposta do evento de refletir sobre as condições extremas que moldam as experiências humanas e as possibilidades de enfrentamento através da arte e da crítica.

Palavras-Chave: Arte e racismo. Anacronismo. Imagem e poder. Violência simbólica. Representação do corpo negro.

ABSTRACT

*This article proposes a critical reflection on the social and symbolic marginalization of the black population through the representation of their bodies in art and the media. The analysis begins with the painting *A Miracle of Saints Cosme and Damian* (c. 1439), by Fra Angelico, which depicts the replacement of a white man's leg by that of a black man, highlighting racial situations and colonial relations rooted in the images of European art history. Based on Georges Didi-Huberman's notion of anachronism and the thinking of Achille Mbembe and Juliana Borges, the text articulates this historical image with contemporary cases of racial violence in Brazil, widely reported in the media. The work is part of an ongoing research project that proposes, through the pictorial production of one of the authors, a visual and political response to these narratives. By stretching the boundaries between art, reclaiming memory and denouncing, the article highlights the urgency of black intellectual productions as a form of resistance to the legacies of structural racism. This means that the proposal directly engages with the event's proposal of reflecting on the extreme conditions that shape human experiences and the possibilities of confronting them through art and criticism.*

KEYWORDS: Art and racism; Anachronism; Image and power; Symbolic violence; Black body representation.



Introdução

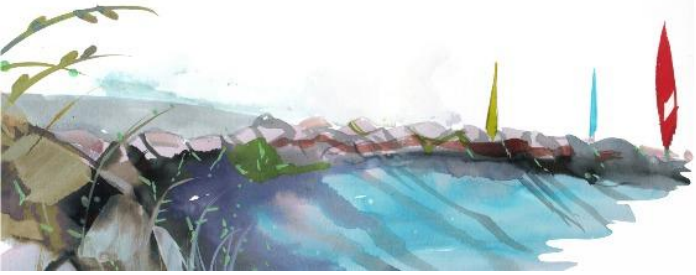
Diante de uma imagem, enfim, temos que reconhecer humildemente isto: que ela provavelmente nos sobreviverá, somos diante dela o elemento de passagem, e ela é, diante de nós, o elemento do futuro, o elemento da duração [durée], A imagem tem frequentemente mais memória e mais futuro que o ser [étant] que a olha.

Georges Didi-Huberman.



Imagem 1. Fra Angélico, Um milagre de São Cosme e Damião, (aproximado 1439). Têmpera sobre tabuleta, 27 X 45 cm. Florença. Retábulo da Igreja de São Marcos. A tela mostra o transplante da perna de um homem branco por meio da substituição pela perna de um homem negro. Fonte: Gênios da Pintura: Góticos e Renascentistas. Milão, Fratelli Fabri Editori, 1980.

Este artigo reflete sobre a marginalização social e intelectual das pessoas negras através da representação de seus corpos na arte e na mídia. Abordo a pintura “Um milagre de São Cosme e Damião”, de Fra Angelico, que serve como ponto de partida para discutir a violência ligada à imagem do corpo negro no século XV, no contexto europeu, e correlaciono-a com o racismo estrutural que foi implantado na sociedade brasileira pela colonização europeia. Este artigo faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, que tem como objetivo somar forças na luta antirracista no Brasil. Analiso casos verídicos de violência racial apresentados pelas mídias brasileiras, cuja denúncia é o principal motor para minha produção pictórica recente.

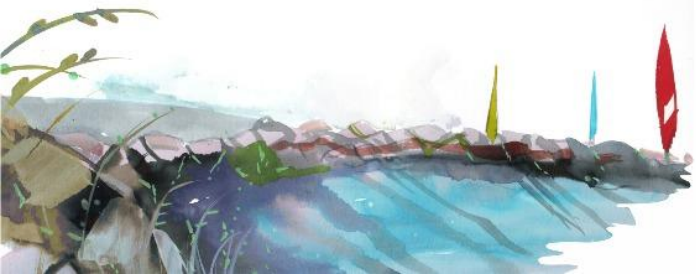


extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

A imagem de uma pintura que mostra a extirpação da perna de uma pessoa negra para curar a doença de um homem branco foi a centelha que transformou o deleite artístico de uma criança (eu aos cinco anos de idade) em um grande incômodo. Hoje, como uma acadêmica adulta, ainda sinto a dor que me atravessou desde criança diante da reprodução em um livro de uma pequena têmpera de Fra Angelico, intitulada *“Um milagre de São Cosme e Damião”* (aprox. 1439). Este fato se torna um problema uma questão para a ser pensada, não só por pessoas negras como eu, mas também pelas brancas, especialmente as que estão nos meios acadêmicos e que lidam todos os dias com as poéticas artísticas e as imagens que estão presentes em nossas grades curriculares e nas mídias que nos cercam de todos os lados, todos os dias do ano. O Racismo como Estrutura (não como Intenção) pois, não se pode afirmar que Fra Angelico era "racista", mas que a sua obra reproduz imaginários medievais que naturalizavam hierarquias raciais como o corpo negro do etíope como "outro" exótico e anônimo: Sua perna é um objeto milagroso, não um corpo com subjetividade. A branquitude está na centralidade da narrativa através do corpo doente que também é o sujeito da dor; o homem negro é apenas um recurso para a sua cura. Essa lógica ressoa na 3 medicalização racista (uso de corpos negros para experimentos científicos no séc. XIX) e na desumanização contemporânea (genocídio da população negra).

Nesse artigo propomos nos aproximar as tensões raciais presentes na imagem pintada por Fra Angelico no século XV, na Itália, com as imagens de pessoas negras que estão nas mídias atuais, principalmente dos noticiários policiais. Mesmo considerando a enorme distância em tempo e espaço nesses contextos distintos, partirei do conceito de anacronismo articulado por Georges Didi-Huberman (2000), ao me colocar em relação ativa com o passado me relacionando com diferentes épocas sem me agarrar a uma visão cronológica. Em *“Diante do Tempo”* (2000) e *“Ante el Tiempo”* (2006), Didi-Huberman defende que toda leitura da história da arte é, em certa medida, anacrônica, pois o observador sempre reinterpreta o passado a partir de suas próprias questões. No caso de *“Um Milagre de São Cosme e Damião”*, a



substituição da perna doente (de um homem branco) por uma perna saudável (de um etíope falecido) pode ser relida criticamente à luz de A violência simbólica do corpo negro como "peça de reposição" (uma metáfora cruel que ecoa no tráfico transatlântico de escravizados). A branquitude como norma de cura/salvação, já que o milagre beneficia um homem branco, enquanto o corpo negro é tratado como descartável.

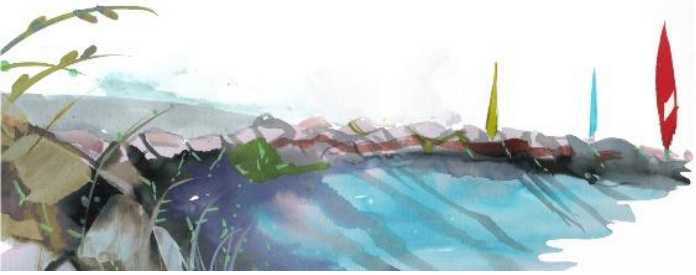
Entre as perguntas que movem a pesquisa, a mais urgente é: porque ainda não superamos o racismo? Qual é o peso das imagens na continuidade de valores culturais? Como podemos usar as imagens para enfrentar as ideologias dominantes? Como elas podem ser úteis como estratégias políticas nas mãos de uma mulher artista negra?

Motivada por essas perguntas, inicio o artigo discutindo a pintura supracitada de Fra Angelico relacionando seu conteúdo com as atuais formas de violência contra o corpo do povo negro, que estão no cerne das minhas pinturas recentes.

A Pintura do Milagre

Um milagre de São Cosme e Damião é uma pequena pintura à têmpera em um retábulo que se encontra na Igreja de São Marcos em Florença, Itália. Ela representa uma cena que remete à narrativa de uma cura milagrosa realizada pelos santos São Cosme e Damião: um transplante de perna. O procedimento cirúrgico seria algo impensável na época, mas o elemento mais intrigante do milagre pintado por Fra Angélico é o fato de a perna transplantada ser negra. O membro que aparece centralizado no retábulo sendo "colocado" no homem branco foi, segundo a estória contada, extirpado (possivelmente sem autorização da família do falecido) de um homem negro recém sepultado em um cemitério próximo ao local do "milagre", conforme descreve o pesquisador Jacopo Varazze em sua obra 'Legenda Áurea':

O Papa Félix, antepassado de São Gregório, mandou construir em Roma uma magnífica igreja em honra dos santos Cosme e Damião. Nessa igreja havia um servidor dos santos mártires a quem um câncer



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

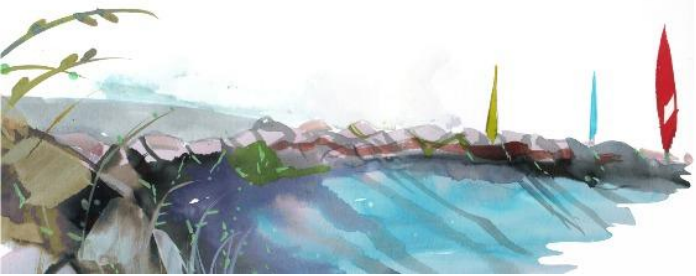
devorara toda a perna. Então, durante o sono de seu devoto, os santos Cosme e Damião apareceram-lhe trazendo consigo unguentos e instrumentos. Um disse ao outro: “Onde conseguiremos com que preencher o lugar de onde cortaremos a carne pútrida?”. O outro respondeu: “No cemitério de São Pedro Acorrentado, está um etíope recém-sepultado; traga a sua carne para substituir esta”. (Varazze, 2003, p. 796).

O transplante narrado acima, acontece numa cirurgia espiritual durante o sonho do homem branco doente, pelos santos já falecidos. Nesta narrativa, o sujeito europeu é favorecido pela amputação de um membro do corpo do sujeito africano. Aqui minha intenção não é considerar a possibilidade do milagre em si, ou a fé das pessoas nos santos cristãos, mas sim focar nas relações de poder implícitas na narrativa contada. Percebe-se uma hierarquia entre os corpos brancos e negro, pela instrumentalização do corpo do homem negro usado na cura do homem branco. Observo aqui os valores culturais e religiosos de superioridade branca que estão atrelados à violenta colonização que reservou aos negros o lugar da marginalização e objetificação histórica. (Fanon, 2008, 2022).

Segundo Didi-Huberman, na contemporaneidade não basta apreciar a imagem de arte, é preciso produzir a partir dela. Didi-Huberman (2015) acentua essa relação afirmando que também precisamos parar diante do tempo, interrogar, na história da arte, no objeto "história", a própria historicidade. Com Didi-Huberman é possível compreendermos que a narrativa imagética da obra contém algo que precisa ser superado. Neste caso específico, o problema a ser superado é o racismo.

A Santificação do artista

Giorgio Vasari (2011) escreveu a biografia do pintor italiano Guido di Pietro Trosini (1395-1455) que ficou conhecido como Fra Giovanni Angelico (como um Anjo), pois fiéis cristãos o chamavam de il Beato Angelico (o Beato Angélico). Segundo Vasari, ele foi chamado assim porque pensavam que ele era um pintor abençoado por Deus, que lhe deu o talento de pintar, o dom da arte, e porque era um homem tão bom e



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

santo e usava a potência da imagem de suas pinturas para propagar o cristianismo.

Pietro Maria Bardi (1900-1999) critica Vasari pela mitificação de Fra Angelico:

O historiador renascentista Vasari, biógrafo dos artistas de seu tempo, é talvez o responsável pela lenda surgida em torno dele: entregava ao convento as remunerações recebidas por sua pintura e 'rezava antes de pegar no pincel, jamais retocando suas obras, porque refletiam a vontade divina'. (BARDI, 1980, pg. 90).

Um estudo sobre as intervenções religiosas sofridas por Fra Angelico torna-se fundamental para que haja uma compreensão de como foi construída a imagem em torno do pintor que também era monge. Esse fato é importante porque influencia o aspecto iconográfico³ que inclina a fatura do pintor para a função religiosa. Angelico passou grande parte de sua vida no Convento de São Marcos, colaborando para que a igreja católica construísse o seu legado artístico. O problema aqui encontrado é a santificação do homem branco pintor que retrata um milagre na vida de outro homem branco através da apropriação do corpo de um homem negro. Nos dias atuais o estudo sobre as imagens da história da arte europeia é um caminho livre para que negros e negras questionem as evidências de dominação branca que infiltram a arte.

Enclausurado em um mosteiro, Fra Angelico era um frei devoto e obediente aos princípios do cristianismo, por essas razões se recusava a representar cenas profanas (Bardi, 1980); a convivência em meio a toda cristandade levou Vasari a escrever sobre Fra Angelico de modo afetado, personificando o pintor como um homem santo e a consequente transformação de sua obra em objeto de adoração, algo imaculado e salvo de questionamentos. A sacralidade da temática retratada transcendia os limites pictóricos e ia de encontro com a imagem do pintor (Bardi, 1980). Desta forma, o pintor quase canonizado por Vasari cria um objeto de arte através de sua religiosidade para a religiosidade. Porém, uma religiosidade branca que excluía os negros de suas culturas.

É preciso desmitificar o beato Fra Angelico e protagonizar o artista Guido de Pietro que foi o artista responsável pela produção da imagem, para que se possa



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

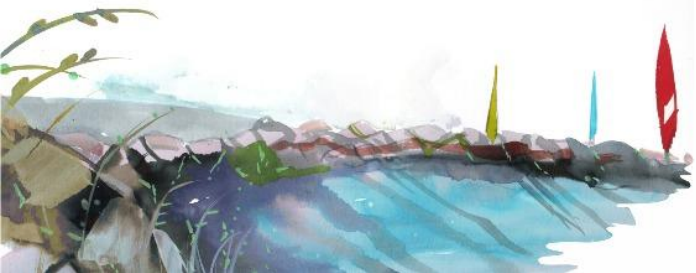
problematizar as questões raciais presentes nessa pintura. É também fundamental retirar o corpo do homem negro da condição passiva, pois, para artistas contemporâneo/as, não é mais possível continuar imparcial diante dos resquícios coloniais presentes nas imagens da história da arte.

Em resposta à violência simbólica contra corpos negros que identifiquei na amputação representada por Fra Angelico, realizei uma pintura com o mesmo título, *Um milagre de São Cosme e Damião* em 2021 (imagem. 2). Trata-se de uma resposta pictórica invertendo os corpos negros e brancos. Essa estratégia me pareceu a forma mais eficaz de evidenciar a violência retratada por Fra Angelico, ao público branco. Pode ser vista como uma tradução.



Imagem 2. Fig.2: Dalva França de Assis. *Um milagre de São Cosme e Damião*, 2021. Acrílica sobre tela, 40cm X 30 cm. Fonte: arquivo pessoal.

É necessário realizar um aprofundamento na história para entendermos os motivos de vivermos de modo marginalizado e invisibilizado na atual sociedade. Quais foram as marcas nos corpos, na linguagem, e na memória, herdadas do período colonial que são constantemente atualizadas? Achille Mbembe problematiza o substantivo 'negro' criado por dominações brancas e capitalistas para exercer poder sobre corpos que não são os seus:



extremos

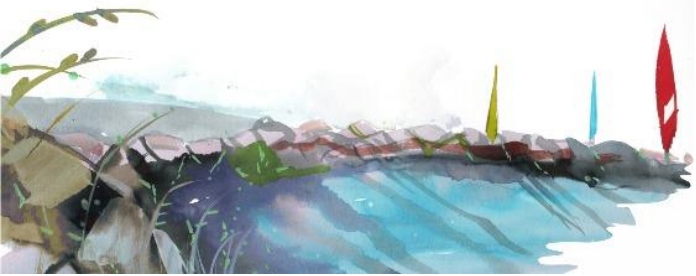
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

[...] produto de uma máquina social e técnica indissociável do capitalismo, da sua emergência e globalização, este nome foi inventado para significar exclusão, embrutecimento e degradação, ou seja, um limite sempre conjurado e abominado. Humilhado e profundamente desonrado, o Negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito, em mercadoria. (MBEMBE, 2014, p. 19).

Para que a minha leitura seja construída de forma crítica e crie debates que estejam alinhados à sociedade contemporânea, não é necessário que a obra de Fra Angelico seja analisada como parte da concepção da arte europeia na passagem do Gótico Tardio para o início do Renascimento. Aqui não faço uma análise estética da pintura de Fra Angelico, mas uma leitura conceitual das implicações políticas da imagem por ele produzida. A hegemonia branca perceptível na pintura, embasa a cultura europeia da época em que o artista viveu, e que ainda sustenta os bastiões da modernidade e pós-modernidade. O artista europeu branco não viu nenhum problema ético em retratar tamanha violência a um corpo negro, como um exemplo de um verdadeiro milagre. Mas é uma criança negra que olha a mesma imagem séculos depois, e que sente a dor impensável de tal cena.

Por esse motivo são vitais as pesquisas de pessoas pretas que tragam questionamentos às problemáticas sociais que marginalizam o povo negro ao longo dos séculos, pois se tornam um importante instrumento de combate ao racismo e podem servir como material de subsídio para futuras pesquisas acadêmicas neste sentido de luta política.

Volto a me perguntar. Por qual razão ainda não superamos o racismo? Quando observamos o fenômeno da popularização das imagens a partir da obra Um milagre de São Cosme e Damião de Fra Angelico, a narrativa imagética contada para o observador, se torna, assim como o seu criador (o pintor), uma propagadora de conceitos. No retábulo de Angelico há sugestões que definem o papel de cada um dos homens no mundo: o branco ganha status de “pessoa importante” para a sociedade



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* FURG Rio Grande/RS

e merece o milagre, enquanto o negro é desenterrado e extirpado sem que isso choque a sociedade da época (e de agora).

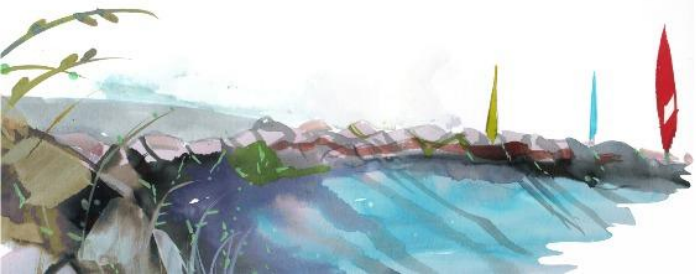
Juliana Borges, antropóloga negra brasileira, traz para o debate antirracista a urgência da visibilidade das produções acadêmicas das pessoas negras e cita a escassez de recursos para a produção científica de negros. Esta é uma questão de extrema importância porque é a produção intelectual negra que pavimentará o terreno para estudantes negro/a/es, para que continuem firmes em sua luta para ocuparem novos espaços e alçarem grandes vôos:

Se a luta e as denúncias históricas dos movimentos negros do país sobre as desigualdades baseadas em raça não são suficientes, é preciso apelar aos dados e retomar as produções acadêmicas e intelectuais históricas, e atuais, de pensadores negros e negras, e não negros, mas absolutamente comprometidos com esse tema. Afinal, epistemicídio também é algo pouco discutido, mas que funciona ininterruptamente em nosso país (BORGES, 2019, p. 19).

Questionar o modo como imagens depreciativas de pessoas negras são espalhadas pelas mídias e detectar indícios racistas por parte das fontes difusoras ou em benefício de quem elas o fazem, se torna trabalho necessário. Por isso, é fundamental que estudantes negro/a/es frequentem as academias e contribuam com a produção de pesquisas do país para que a democratização do saber não fique somente na teoria, presa nas mãos das pessoas brancas. A pesquisa busca contribuir com essa produção intelectual negra, tanto em seu aspecto teórico quanto com produção artística.

Luta Antirracista contemporânea

Convido leitores/as a refletir sobre o modo como o povo preto é mostrado em imagens desde a obra de Fra Angelico até as mídias contemporâneas. Apesar dos esforços antirracistas, o povo negro ainda enfrenta situações de violências praticadas pelo branco, cuja base é a inferiorização étnica e cultural dos negros (Munanga, 1988). No Brasil, a mídia se torna uma arma letal nas mãos de pessoas racistas: o ex-presidente Jair Bolsonaro foi gravado através de um dispositivo móvel em uma reunião com



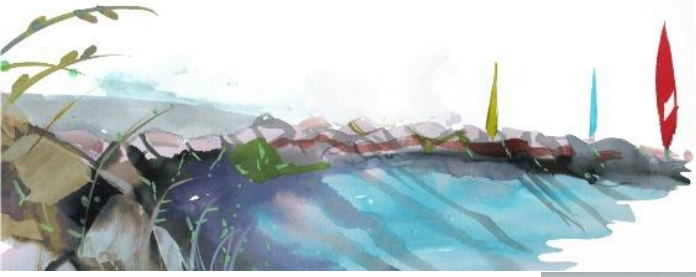
extremos

34° Encontro Nacional *anpap* FURG Rio Grande/RS

empresários no qual ele relata a visita em um quilombo e usa o termo “arroba” (Opera Mundi, 2017) para referir a um afrodescendente, logo depois, essa imagem foi divulgada em uma das maiores redes televisivas e o ex-presidente que já foi condenado por racismo, desta vez, seguiu sem ser advertido.

A falta de humanidade retratada na obra *Um milagre de São Cosme e Damião* ainda está presente nos dias de hoje nos mais altos patamares de nossa política e precisa ser amplamente combatida. Assim como a fala de Bolsonaro foi salpicada nas mídias; a imagem da perna extirpada do homem negro consta nos livros de história da arte que são consumidos pelos estudantes de artes visuais nas universidades de todo o país, sem qualquer crítica quanto ao seu conteúdo racista.

Também vale a pena a investigação sobre a trajetória de Cosme e Damião a partir da apropriação dos santos pelas religiões de matriz africana em solo brasileiro. No Brasil a devoção por Cosme e Damião chegou por vias portuguesas em 1530 e sincretizados aos Ibejis (orixás meninos) (imagem 3) pelos povos escravizados. Por esta razão, nos terreiros do Brasil os santos são associados à proteção das crianças (Basacchi, 2003). Quando pensamos nas figuras de Cosme e Damião descoladas do cristianismo e inseridas no Candomblé e na Umbanda podemos tranquilamente protagonizar as crianças negras no bojo da pesquisa e denunciar como a violência urbana praticada por policiais militares não prevê a menoridade de suas vítimas: o Estado racista cerceia direitos humanos pela cor e não pela idade.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 3. Ere Ibeji, artista desconhecido
Fonte: Ibeji The Cult Of Yoruba Twins de George Chemeche.

É preciso compreender o contexto europeu no qual o milagre dos santos foi retratado por Angelico, mas também é possível fabular, anacronicamente, novos milagres desses santos na sociedade brasileira contemporânea onde Cosme e Damião⁴ estão sincretizados na matriz africana. Fico pensando se seria possível produzir objetos de arte envolvendo as entidades afro-brasileiras Cosme e Damião que instiguem o observador a refletir sobre violência que atinge nossas crianças negras. O autor Georges Didi-Huberman pensa o anacronismo como uma relação ativa com o passado devido à nossa capacidade de relacionar diferentes épocas sem uma visão cronológica. A tendência de questionamento parte do olhar do observador negro que por indignação esmiuça o objeto artístico transformando-o em matéria prima para a pesquisa.

Na dinâmica e na complexidade dessa montagem, noções históricas tão fundamentais quanto as de "estilo" ou de "época" revelam, de repente, uma perigosa plasticidade (perigosa somente para aquele que gostaria que tudo estivesse em seu lugar, de uma vez por todas, na mesma época: figura bastante comum daquele que eu chamarei de "historiador fóbico do tempo"). Propor a questão do anacronismo é, então, interrogar essa plasticidade fundamental e, com ela, a mistura,



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

tão difícil de analisar, dos diferenciais de tempo operando em cada imagem. (Didi-Huberman, 2015, p. 23).

Para Huberman (2015) não se pode falar do contato entre a imagem e o real sem falar de uma espécie de incêndio. Portanto, não se pode falar de imagens sem falar de cinzas. As imagens são parte do que os mortais inventaram para registrar seus tremores (de desejo e de temor) e suas próprias consumações, pensamento este que pode servir como estrutura sólida para a manutenção da imposição cultural que está engendradora visualmente na obra de Angelico:

[...] o historiador que, hoje, remetesse ao único passado "eucrônico" - ao único Zeitgeist de Fra Angélico - falharia completamente com relação ao sentido de seu gesto pictural. O anacronismo é necessário, o anacronismo é fecundo, quando o passado se revela insuficiente, até mesmo constitua um obstáculo à sua compreensão. (Didi-Huberman, 2015. P. 25).

Um objeto artístico que apresenta signos religiosos hegemônicos poderia permanecer imaculado e longe dos questionamentos contemporâneos do povo negro? Se pensarmos no contexto brasileiro, foi de grande valia que São Cosme e Damião tenham sido sincretizados aos Ibejis, pois esse fenômeno abre caminhos para um diálogo livre das doutrinas hegemônicas e contribui com os diálogos relacionados às questões de proteção, inclusive infantil.

Um exemplo de violência urbana envolvendo uma criança não branca foi o caso de João Victor Souza de Carvalho, de 13 anos, morto em frente à franquía do Habib's, no bairro Nova Cachoeirinha, zona norte de São Paulo no dia 26 de fevereiro de 2017. Mesmo com imagens captadas pelas câmeras de segurança e o testemunho de pessoas que presenciaram a ação violenta dos seguranças da lanchonete, o crime foi arquivado pelo Ministério Público de São Paulo e ninguém foi condenado. A imagem do rosto de João foi veiculada massivamente nas mídias televisivas e nos noticiários populares.

João foi noticiado como se fosse o culpado por sua própria morte ao tentar riscar um carro. A violência moral contra João não é um fato isolado no Brasil: a plataforma



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

política 'Juventudes contra Violência' através do Instituto de Pesquisa Aplicada mostrou que em 2016 a cada 23 minutos um jovem negro era morto no Brasil. Outra plataforma, 'Jornalistas Livres', relata que uma das estratégias dos advogados de defesa dos acusados de cometerem violências contra negros e periféricos é desqualificar as provas, testemunhas e criminalizar as vítimas.



Imagem 3. Menino de ouro, 2017. 21cmX29,7 cm. Dalva França de Assis.

A série de serigrafias sobre João Victor intitulada de "*Menino de Ouro*" denuncia o Estado por falta de comprometimento com as leis que regem o Estatuto da Criança e do adolescente. Nesta série, me aproprio da fotografia do João Victor que circulou nos jornais e redes sociais, para recontextualizá-la no circuito das artes visuais, impedindo seu apagamento por esquecimento. Este trabalho é uma maneira de não deixar ninguém se esquecer do crime hediondo que hoje não está mais nas manchetes de jornais.

Após séculos de escravidão, o que restou de nós? O contexto que envolve a mídia, negros e negras em nosso país deixa à mostra as mutilações que nos atinge tanto de forma física quanto simbólica. Se observamos atentamente notamos que a imagem do corpo negro está quase sempre associada à "bala perdida"; queda de elevador em



extremos

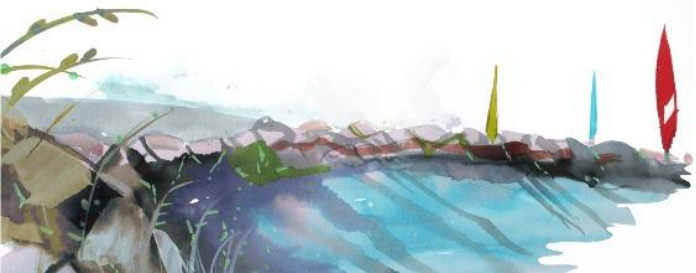
34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

edifício luxuoso; violência policial em baile funk; estrangulamento à beira mar (com direito a cartão postal) ou ‘morte acidental’, ou seja, as extirpações do corpo negro são contundentes na nossa sociedade e veiculadas todos os dias pela mídia branca. Essas pessoas pretas não tem voz ativa na mídia (não são donas das redes de tv ou rádio) que desqualifica o negro de todas as suas virtudes. Enquanto expressões racistas são ponderadas e colocadas como “opinião polêmica” ou “comentário infeliz” (Moreira, 2019) o racismo estrutural segue na manutenção do escravagismo colonial.

O intelecto do negro também é extirpado quando sua imagem é sexualizada e objetificada através dos personagens das telenovelas. Os negros são ‘podados’ quando impedidos de frequentar as universidades, realizar pesquisas, utilizar o ateliê da universidade e expor seus trabalhos em galerias. O afrodescendente é combatido dia e noite vinte e quatro horas por dia.

A série de pinturas intitulada *Nove adolescentes*, 2020, denuncia mais uma violência promovida pela polícia militar do estado de São Paulo e a massiva exposição das imagens das vítimas pelas mídias. O caso em que nove jovens morreram encurralados e pisoteados numa ação da polícia em um baile *funk* na favela “Paraisópolis” na zona sul da capital paulista. As imagens da ação foram divulgadas por semanas consecutivas e um fato revoltante: mesmo com evidências registradas nas câmeras e depoimentos de testemunhas, os policiais saíram impunes com suas identidades preservadas enquanto as imagens dos adolescentes foram expostas sem respeitar o luto e a privacidade das famílias das vítimas. Familiares davam praticamente um currículo dos jovens que trabalhavam e estudavam, para que os mesmos não fossem rotulados como ‘marginais’ pela mídia sensacionalista.

Muitos corpos de negros e negras são abatidos pelo racismo antes da maioridade. Na minha série de pinturas, os retratos mostram a fragilidade física do corpo negro diante do braço opressor do Estado.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Em virtude da violência física e intelectual que acomete os corpos pretos é urgente que artigos de pessoas também pretas sejam publicados para que a nossa luta continue e que possamos transformar essa sociedade tão injusta. Triste realidade em nosso país: enquanto um negro tem a oportunidade de pesquisar, muitos outros são violentamente mortos sem que seus direitos sejam respeitados.



Imagem 7. Denys, óleo sobre madeira, 31x24xcm. 2020. Fonte: arquivo pessoal.

Imagem 8. Gustavo, óleo sobre madeira, 42x30xcm. 2021. Fonte: arquivo pessoal.

Imagem 9. Luara, óleo sobre madeira, 42x30xcm. 2020. Fonte: arquivo pessoal.



Imagem 10. Dennys, óleo sobre madeira, 42x30xcm. 2020. Fonte: arquivo pessoal.

Imagem 11. Eduardo, óleo sobre madeira, 42x50xcm. 2021. Fonte: arquivo pessoal.

Imagem 12. Gabriel, óleo sobre madeira, 42x30xcm. 2021. Fonte: arquivo pessoal.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 13. Mateus, óleo sobre madeira, 42x50xcm. 2021. Fonte: arquivo pessoa

Imagem 14. Bruno, óleo sobre madeira, 42x30xcm. 2021. Fonte: arquivo pessoal.

Imagem 15. Marcos Paulo, óleo sobre madeira, 42x30xcm. 2020. Fonte: arquivo pessoal.

Ideias (in)conclusas

Por tudo que foi exposto ao longo deste trabalho, trago aos leitores a importância de refletirmos sobre a capacidade das imagens em consolidar ideologias e poderes hegemônicos, mas também podemos pensar no seu enorme potencial para implodir esses mesmos poderes. Ao inverter os corpos negros e brancos em minha releitura da pintura de Fra Angelico, *Um Milagre de São Cosme e São Damião* (2021), acredito que a violência latente na imagem da pintura original tenha sido exposta de maneira incontornável. O papel tanto da arte quanto das mídias contemporâneas na marginalização social, simbólica e intelectual das pessoas negras foi demonstrada através de outros exemplos analisados nesse artigo. Desde uma pintura feita por um artista europeu branco no século XV até as imagens jornalísticas mais recentes, que são pontos de partida para minhas pinturas, apresentam o corpo negro objetificado. O povo negro continua sofrendo a herança de uma velha mentalidade colonial racista e violenta. Trabalho incansavelmente, junto com outra/o/es, para denunciar e mudar essa dolorosa realidade.



extremos

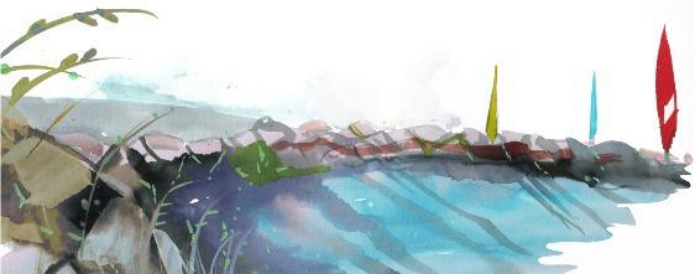
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

As imagens artísticas tendem a permanecer conosco por mais tempo do que as imagens da mídia, que são de maior distribuição, mas tendem a sair de circulação mais rapidamente. Através da pesquisa sobre notícias e imagens que foram veiculadas nas mídias sobre pessoas negras, fica evidente que o racismo e suas exclusões resultam em mortes violentas e precoces, doenças que não só comprometem a saúde física, mas também a saúde mental dessa parcela da população. Por mais injustas e impactantes que sejam essas imagens midiáticas, os crimes contra corpos de pessoas negras tendem a ser esquecidos, e por esse motivo as minhas séries de pinturas realizadas a partir de imagens apropriadas da mídia de massa são uma estratégia de resistência, ancoram em nossa consciência os fatos ocorridos, os crimes policiais que querem apagar da nossa memória. Mas a pintura permanece denunciando depois que os jornais há muito abandonaram o assunto.

Desejo que esse artigo seja um incentivo para que leitores/as negra/o/es não desanimem da luta diária de enfrentamento do racismo estrutural e que possa ser um convite para que leitor/a/s branco/a/s saiam de sua zona de privilégios e reflitam sobre como contribuir na luta antirracista. É urgente que o Estado brasileiro crie leis mais severas para o crime de racismo. É urgente que negros e negras sejam respeitado/a/es nas instituições de ensino superior e é urgente que brancos reconheçam de uma vez por todas seus privilégios e se envergonhem deles. A reparação do Estado para os mais de trezentos anos de escravidão no Brasil precisa ser pautada em nossa política, pois estes mais de trezentos anos representam na contemporaneidade o analfabetismo, a exclusão e toda a violência que assassina diariamente dezenas de negro/a/e/s independentemente de idade, gênero e/ou orientação sexual.

Referências

ANTONACCI, Celia Maria: Apontamentos da Arte Africana e Afro-Brasileira Contemporânea: Poéticas e Políticas. São Paulo. Invisíveis produções. 2021.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

BARDI, Pietro Maria: Gênios da Pintura: Góticos e Renascentistas. Milão, Fratelli Fabri Editori, 1980. BORGES, Juliana: Feminismos plurais: Encarceramento em massa. São Paulo, Editora Jandaíra, 2019.

DALAPOLA kaique, GUIMARÃES Juca, Arroyo Daniel: Nove jovens morrem pisoteados em baile funk de Paraisópolis após ação policial. El País [On line], São Paulo, 01 dez. 2019. Brasil. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/12/01/politica/1575231183_154631.html. Acesso em: 25 de mar. 2023.

DE VARAZZE, Jacopo: Legenda Áurea: a vida dos santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. DIDI-HUBERMAN, Georges: Diante do tempo: História da arte e anacronismos das imagens. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2015.

Frantz Fanon. Pele negra máscaras brancas; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008

Frantz Fanon. Os condenados da terra; tradução Ligia Fronseca Ferreira, Regina Salgado Campos. 1er ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

JORNALISTAS LIVRES: João Victor não foi o único menino morto no Habib's. São Paulo. 2017. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/joao-victor-nao-foi-o-unico/> 16/01/2023. Acesso em 08/12/2024.

MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. Lisboa: Antígona, 2014.

MUNANGA, Kabengele. Negritude: Usos e Sentidos, 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

PICOLLI, Valéria; NERY Pedro. Rosana Paulino: a costura da memória (catálogo da exposição realizada na Pinacoteca do Estado de São Paulo) SP, 2018 a 2019.

VASARI, Giorgio: Vida dos artistas. São Paulo, Martins Fontes, 2011.

RIBEIRO, Silvio: Feminismos plurais: racismo estrutural. São Paulo, Editora Jandaíra, 2019. OPERA MUNDI: Afrodescendentes de quilombos 'não servem nem para procriar', Bolsonaro na Hebraica do Rio. Youtube, 05 de abril de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lcXJNGhUQy8> Acesso em: 25 de março de 2023.

TOMAZ, Kleber. Filme sobre 9 mortos em ação da PM em Paraisópolis contesta versão de acidente; 'massacre' em baile funk completa dois anos. G1. 01/12/2021. Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/12/01/filme-sobre-9-mortos-em-acao-da-pm-em-paraisopolis-contesta-versao-de-acidente-massacre-em-baile-funk-completa-dois-anos.ghtml> > Acesso em 03/01/2023.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* FURG Rio Grande/RS

Notas

¹ Dalva França de Assis é doutoranda em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC, possui mestrado e licenciatura na mesma área. Produz pintura e Graffiti a partir da pesquisa sobre racismo estrutural.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9162759842794630>

² Mariurka Maturell Ruiz Possui Pós-doutorado em História no PPGH/UDESC (Modalidade: Pós-Doutorado Junior - PDJ. Bolsista CNPQ). Formada em História da Arte (2003) pela Universidade de Oriente, Cuba. Mestrado em Estudos Cubanos e do Caribe pela Universidade de Oriente, Cuba (2015) e Doutorado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2021). É membro do grupo de pesquisa Articulações Poéticas- PPGAV/CEART-UDESC, do Observatório das Migrações de Santa Catarina na UDESC, do Laboratório de Estudos em História da África (LEHAF) na UFSC, e da Cátedra de Estudos Afrocaribenhos (CEA) da Universidade de Guantánamo-Cuba. Professora da equipe docente do Seminários Especializados do Certificado em Estudos Afro-Latino-Americanos (modalidade virtual), edição setembro de 2022 a março de 2023 e edição setembro 2023 a março de 2024, no Instituto de Pesquisas Afro-Latino-Americanas da Universidade de Harvard. Foi professora de nível superior na Universidade de Guantánamo entre 2003 até 2017. Possui experiência como docente e orientadora de pesquisa nas áreas de História das Artes, História e Sociologia. Suas pesquisas atualmente abordam as artes plásticas, migração, diáspora afro-caribenha, relações étnico-raciais e gênero.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5720807370747809>

³ O termo remete à definição de Panofsky que refere iconografia como os níveis de interpretação de uma obra de arte atrelado às suas convenções. Ainda sobre sua metodologia, Panofsky sugere três processos para análise de uma imagem: primeiro a Descrição Pré-Iconográfica: "É aprendido pela identificação das formas, cores..." A segundo a Análise: ramo da história da Arte que trata do tema ou mensagem das obras de Arte em oposição a sua forma" e Iconográfica e o terceiro a Interpretação Iconológica: uma iconografia que se torna interpretativa e, desse modo, converte-se em parte integral do estudo da Arte, em vez de ficar limitada ao papel do exame estatístico. (Panofsky, 2007)

⁴ Segundo a biografia escrita por Mario Basacchi, Cosme e Damião eram dois irmãos gêmeos nascidos na Arábia, a mãe se chamava Teodata, não há informações sobre o nome do pai. Desde pequenos foram educados na religião cristã. Estudaram medicina na Síria e passaram a exercê-la na Egéia, Cilícia e Ásia menor. Morreram por volta de 300 d.c. M.BASACCHI. São Cosme e Damião. Biografia e novena. SP, Paulinas, 2002